THE GILLETTE MARRIAGE



FERDINANDO FREGA

O CASAMENTO GILLETTE

THE FAMILY · 16

O casamento

Quando caminhava, apesar de ser um homem, ainda se viam nele a elegância e a postura do oficial do Exército que um dia tinha sido, mas também a educação que tinha recebido no internato, onde valia uma única regra: falar pouco e ouvir tudo.

Ele tinha vinte e sete anos naquele outubro de 1962, quando a viu entrar na tabacaria onde estava trabalhando e ficou cativado no mesmo instante.

Alta, marcante, de traços inconfundivelmente meridionais, com aquele olhar maroto que só as mulheres sabem lançar. Mas ela tinha apenas dezesseis anos. Chamava-se Giovanna, mas para todos na família sempre foi Gianna.

Na mesma hora, ele perguntou ao cliente sobre ela: quem era, qual era a família, de onde vinha. Deu pouca atenção à idade. Naqueles anos, esse tipo de casamento era abençoado três vezes: pelas famílias, pela Igreja e pela sociedade. Era apresentado como um modo de arranjar a vida das filhas, mas, na realidade, só os filhos homens saíam com a vida arranjada.

O pai dela trabalhava na ferrovia. A mãe era dona de um respeitado ateliê de costura na cidade, que empregava costureiras e fazia roupas para famílias importantes, que exigiam um trabalho artesanal de alto nível e pagavam generosamente por ele.

Gianna tinha outra irmã, Francesca, quase dois anos mais velha. Equilibrada e calma, uma qualidade que conserva até hoje.

Com o quadro completo, meu pai pediu ao cliente que o apresentasse àquela família. Queria minha mãe como esposa. Queria se casar com ela. Ele a queria.

E assim, em abril de 1963, eles se casaram.

Sempre que ele elogiava as qualidades da esposa diante da mãe dela, a sogra sorria e dizia que não era verdade, porque Gianna era uma boa atriz que nunca pedia permissão. Simplesmente pegava o que queria.

Meu pai precisou de menos de três meses para entender que nunca conseguiria dar forma àquela moça, nem moldá-la segundo o que imaginava. Ela era simplesmente uma mulher de ideias claras, e não perdeu tempo em deixar isso claro também para ele.

Um dia ele lhe deu um tapa na cara. Era um comportamento que a época reconhecia como um direito do homem dentro da família.

Mas ela não perdeu a compostura.

Saiu e foi a uma cutelaria, onde comprou um cutelo para carne e uma faca de açougueiro.

Voltou para casa, olhou para meu pai e disse:

“Se algum dia você tentar de novo, eu venho durante a noite e te mato.”

Não havia drama nem hesitação na voz dela. Só certeza.

A certeza de que ela o faria.

Durante quinze dias ele dormiu dentro de casa, trancado em um quarto separado, e só saiu quando teve certeza de que o perigo tinha passado.

E aquele continuou sendo o único precedente.

Mudaram-se para Cosenza, a trezentos quilômetros de Reggio Calábria.

Naquela época não havia rodovia, e a viagem levava quase seis horas por estradas provinciais, atravessando o trânsito interminável das cidadezinhas.

Dois olhares.

Menos de três minutos.

Isso bastou para decidir um futuro, dentro de um amor que duraria fisicamente sessenta e dois anos, mas que continuaria eterno no que eles fizeram e dentro de nós, seus filhos.

Cosenza – 1963

Alugaram uma casa no Corso Italia, uma área central da cidade, bem servida de lojas e de transporte público. Mas, terminada a lua de mel, voltar à vida de todos os dias foi uma etapa que ninguém conhecia.

Toda segunda-feira, meu pai saía de casa às duas da manhã para encontrar seu primeiro cliente às oito horas, na frente de uma loja. Percorria trezentos quilômetros e depois, ao longo da semana, dia após dia, trabalhava cada vez mais perto de casa, até reconquistá-la na sexta-feira à noite.

Enquanto isso, minha mãe teve a sorte de conhecer Nora Formisano, que morava bem em frente à casa dela, e as duas ficaram amigas.

Nora era uma mulher da mesma idade da mãe dela e se tornou como uma mãe para ela.

Vinha de uma família nobre napolitana e era casada com um alto funcionário do Ministério do Interior que servia naquela região.

Tinha também três filhos, só um pouco mais novos que minha mãe.

Foi a ela que minha mãe confessou, certa manhã, que estava com um estranho atraso no ciclo menstrual. Sempre tinha sido regular.

Depois de ouvi-la explicar que não entendia por que sentia o tempo todo vontade de urinar, Nora a abraçou e disse:

“Minha filha, você está grávida.”

Quando meu pai voltou para casa, ela decidiu não dizer nada.

Queria ver a reação dele, mas estava esperando a Páscoa para lhe contar.

E assim fez.

Deu a ele o seu ovo de Páscoa e disse:

“Estou grávida. Temos que nos mudar para Reggio Calábria. Não quero que meu filho nasça aqui. Quero minha família do meu lado.”

A transferência não era tão simples.

Exigia a aprovação da empresa por motivos de trabalho e só podia ser feita depois.

Meu pai achou que podia ganhar algum tempo.

Mas, em dezembro de 1963, minha mãe subiu em um ônibus e partiu sozinha para a casa dos pais, onde, em 11 de janeiro de 1964, deu à luz Teresa.

Quando Teresa nasceu e a notícia se espalhou pela família, os parentes esperaram semanas antes de visitá-la.

Aquilo feriu seu orgulho de mulher e a levou a tomar uma decisão sobre o futuro.

A relação dela com a sogra e com a cunhada nunca mais seria a mesma.

A raiva ficou, contida por trás dos olhos.

Enquanto isso, o pedido de transferência seguiu seu curso, e em maio de 1964 meu pai recebeu seu segundo presente de Páscoa.

Minha mãe estava esperando outro filho.

Reggio Calábria – 1964

Em setembro de 1964, a transferência da empresa finalmente saiu, e eles se mudaram para Reggio Calábria.

Mas a relação idílica que ela esperava ter com a mãe nunca aconteceu. A mãe era dominadora e nunca cedeu seu poder nem sua autoridade a ninguém. O pai era a única pessoa que a mimava e lhe fazia as vontades, e tudo o que ela fez depois dependeu dele.

Era 21 de fevereiro de 1965.

Campo de futebol.

Reggina contra Cosenza.

Meu pai e meu tio estavam na arquibancada quando o locutor anunciou que um tal de Vincenzo Frega estava sendo chamado na entrada por causa de uma mensagem urgente.

Ele achou que era brincadeira e ficou onde estava.

Então veio o segundo anúncio:

“Vincenzo, não podemos parar a partida, e também não podemos parar o parto da sua mulher. Você se importa de ir para casa? Seu

filho está nascendo.”

Todo mundo riu.

Envergonhado, ele fingiu não ser o homem em questão.

Vim ao mundo com a bênção do meu pai.

“Você queria um filho e ele chegou. Mas este vai ser a cruz da sua vida.”

Todos foram avisados na hora, e chegaram como se fossem os Reis Magos.

O nascimento de um filho homem era considerado um acontecimento que garantia a continuidade do sobrenome da família, mas ninguém nunca parou para pensar que um homem sem uma mulher é incompleto.

Eu passaria os sessenta e dois anos seguintes explicando isso.

Afinal, melhor a Cruz do que a Foice e o Martelo.

Foi tudo de que precisei para entender meu colega de dois mil anos atrás e saber como as coisas poderiam ser lá em cima.

Reggio Calábria – 1965

Gianna tem apenas dezenove anos.

Tem dois filhos, um marido que trabalha para a Gillette e absolutamente nenhuma inclinação para se tornar dona de casa.

As regras da casa já estão estabelecidas.

O salário e todos os benefícios da empresa passam pelas mãos dela.

Meu pai vive dos reembolsos de despesas da Gillette porque está sempre trabalhando e nunca fica sentado coçando o saco.

Ela começa a acompanhar os mercados de câmbio porque todo mês meu pai ganha um concurso de vendas na Itália e a sede de Milão manda soberanos de ouro como prêmio.

Depois, o diretor de vendas manda entregar em casa uma mobília de quarto completa.

Madeira de faia legítima.

Camas integradas.

Colchões.

Travesseiros.

Cobertores e edredons.

Lençóis de verão e lençóis de inverno.

Tudo é desenhado em um estilo único, que deixa as pessoas sem palavras toda vez que a história é contada.

Mas ela tem medo.

Não vê estabilidade.

E quem poderia culpá-la?

Na sexta-feira à noite, assim que meu pai passa pela porta, ela diz:

“Tenho dois filhos. Quero um carro novo.”

“Mas você não tem carteira de motorista. Como é que vai dirigir?”

“Amanhã você vai me comprar um carro novo. Quero um Simca 1000. Cinco portas.”

Ninguém conseguia contê-la.

Se alguém tivesse tentado, a vida teria virado um verdadeiro inferno.

A melhor solução era ir à concessionária no dia seguinte, preencher um cheque de um milhão e oitocentas mil liras, contratar o seguro e entregar as chaves.

Acabou sendo a decisão certa.

Doze dias depois, ela já tinha a carteira de motorista.

Ninguém nunca descobriu como ela conseguiu.

Enquanto isso, o pai dela era dono de todos os imóveis ocupados pelo ateliê de costura da mãe.

Ele tinha um fraco pela filha preferida.

Bastaram poucos minutos.

“Pai, me arrume um espaço no ateliê da mamãe. Em seis meses eu abro uma loja de lãs e aviamentos.”

Os dois chegaram a um acordo.

Com apenas alguns movimentos, meu avô transferiu a esposa para um espaço separado e concedeu à filha dois pontos comerciais independentes.

Ela foi para casa e disse ao meu pai que precisava de três milhões de liras.

E que ele pedisse o dinheiro aos pais com a desculpa de que queriam comprar uma casa.

Meu pai entrou no jogo.

O dinheiro chegou.

E chegou também a placa em cima da loja:

LANA BBB DI GENNY

Mas ela também precisava de uma licença municipal de funcionamento, e não tinha.

No fim dos anos 1960, a burocracia não era exatamente eficiente.

Era um túnel que vivia dentro da política e viajava através da política.

Naquela segunda-feira de manhã, ela pediu ao meu pai que tirasse um dia de folga e ficasse em casa conosco.

Depois saiu.

Como o vento que sopra pelo deserto.

Você o sente passar, mas não faz a menor ideia de onde diabos ele veio.

Foi à Prefeitura.

Lá, deu com um funcionário que estava quase rindo da cara dela quando ela pediu a licença.

Quando alguém se deu conta, ela já o tinha agarrado pelas lapelas do paletó e arrastado com meio corpo para fora da janela do guichê, e cinco pessoas tentavam tirá-la de cima dele.

Enquanto isso, o prefeito passou por ali por acaso.

Chamava-se Pietro Battaglia.

Mais tarde, cumpriria vários mandatos no Parlamento italiano.

Ele observou a cena, pegou minha mãe pelo braço e a convidou para entrar no seu gabinete.

Dez minutos depois, ela saiu de lá com uma licença comercial da Tabela XV na mão.

Para que fique claro, era o tipo de licença exigido na Itália para abrir um hipermercado — o nível mais alto, normalmente impossível de obter sem contatos políticos.

O negócio decolou.

Os representantes comerciais faziam fila do lado de fora.

Um colega acabou dizendo ao meu pai:

“Sabe, tem uma comerciante em Reggio Calábria que dá dor de cabeça a todos os representantes comerciais.”

E meu pai respondeu:

“Sim, eu sei. Muita gente já me falou dela.”

Mas nunca disse que ela era a mulher dele.

A loja ganhou vida própria.

As pessoas vinham de todos os cantos da cidade para comprar ali.

A mulher que agarrava os homens pelas lapelas e os jogava contra a parede.

Fossem funcionários públicos ou homens da Máfia, fazia pouca diferença.

O nome dela ecoava pela cidade.

A esposa do HOMEM GILLETTE.

Controle

Certa manhã, um caminhoneiro fez uma manobra imprudente numa avenida da cidade.

O caminhão pegou a porta do carro da minha mãe e a arrancou.

O som da buzina dela não adiantou nada.

O motorista nunca percebeu o que tinha acontecido e seguiu seu caminho, enquanto o carro sofria um estrago considerável.

Por fim, parou e desceu para a rua gritando que essas malditas mulheres não sabiam dirigir.

Declarou em voz alta que as mulheres estariam melhor em casa, criando os filhos.

Depois, olhando diretamente para minha mãe, sentada ao volante, despejou sobre ela insultos e ameaças, à maneira de um mafioso.

No banco de trás estávamos minha irmã, de quatro anos, e eu, de três.

Ela nos disse para não nos mexermos.

Que voltaria logo.

Nunca soubemos exatamente o que aconteceu lá fora.

A única coisa que sabemos é que o mafioso acabou de joelhos diante da minha mãe, beijando-lhe a mão e pedindo perdão.

Nos dias seguintes, a loja teve um aumento extraordinário de clientes.

Entrava tanta gente pela porta que meu pai acabou perguntando se ela estava aplicando as margens certas ou simplesmente dando a mercadoria de graça.

Antes mesmo que ele conseguisse se sentar em casa, ela disse:

“Amanhã vá à concessionária Fiat e me compre um FIAT 124 Special branco, motor 1400, quatro portas.”

“Mas, Gianna”, respondeu meu pai, “você sabe quanto custa?”

“Três milhões seiscentas e cinquenta mil liras. Você paga agora. Quando chegar o dinheiro do seguro do Simca, que não tem conserto, eu te devolvo.”

Bastou isso.

Menos de doze horas depois, o carro zero-quilômetro estava parado lá fora.

Houve um único comentário:

“Me disseram que este carro é usado na Calábria para assaltos, porque é rápido e ágil. Para que você precisa dele?”

Ela olhou para ele com seriedade e respondeu:

“Você vai ver.”

E quando ele saía para trabalhar de manhã, ela sempre perguntava:

“Aonde você vai hoje? Onde vai almoçar?”

Ele respondia que talvez estivesse a cento e vinte quilômetros dali.

E nós três aparecíamos lá de surpresa.

Ele achava que era amor.

Ela estava simplesmente vigiando o seu patrimônio.

Depois, para não perder o costume, tentou transferir esse mesmo sistema de controle para mim.

Nenhum de nós dois jamais venceu.

Nem ela.

Nem eu.

Ela acreditava que o controle se exercia por meio da privação e das surras.

A primeira teve pouco efeito sobre mim, porque eu imediatamente desviava minhas necessidades para outra coisa, e isso a deixava louca.

A segunda eu simplesmente não sentia.

Eu não reagia.

Eu não chorava.

Eu não xingava.

Eu tinha controle sobre a dor.

Anos depois, esse mesmo controle me ajudaria a superar outras dificuldades.

Ela sempre acreditou que éramos iguais.

Mas nunca aceitou que uma parte de mim pertencesse ao meu pai.

E ele venceu com os fatos.

E em silêncio.

Campo

Uma ligação do gerente distrital na sexta-feira à noite, depois do envio dos números semanais de vendas, deu-lhe o que pensar: Sua Majestade, o diretor de vendas da Gillette Itália, Raffaele Di Tullio, passaria três dias em campo com ele, e o encontro estava marcado

para segunda-feira de manhã, às 7h30, no Hotel Excelsior de Reggio Calábria.

O roteiro da semana incluía visitas a clientes por toda a cidade e algumas visitas nos arredores. Como já estavam em meados de julho e todos sabiam o quanto a região podia ficar quente, minha mãe colocou uma segunda camisa na bolsa dele, dizendo que antes do almoço seria bom se refrescar e trocar de roupa.

Ele chegou ao compromisso de uniforme completo: um terno azul impecável, uma camisa azul-clara, uma gravata e todo o respeito devido ao homem que o tinha contratado.

Era um dia extremamente quente, e os dois homens ficaram com a roupa encharcada de suor. No entanto, durante as visitas, o centro de cada conversa não eram os números de vendas. A conversa girava em torno de saber se ele estava feliz, de como ele se sentia em relação à vida familiar e de como estava se adaptando à empresa.

No dia seguinte, meu pai voltou para o segundo dia da visita de campo. Fosse por não ter interpretado bem a situação, fosse por confiar demais nos próprios números, ele cometeu um erro. Apareceu com o mesmo terno, que, embora seco, ainda trazia marcas visíveis do suor do dia anterior.

Di Tullio olhou para ele por um longo segundo, não disse nada e depois o convidou para se sentar num bar e tomar um café.

“Vincenzo”, disse ele, “a Gillette não vende lâminas. A Gillette vende confiança. Um homem só leva uma lâmina à própria garganta todas as manhãs se confiar no homem que a vendeu para ele. E a confiança começa com uma camisa limpa.”

Meu pai não respondeu. Entendeu.

Naquela noite, voltou para casa e disse à minha mãe que ela tinha razão. De novo.

Nunca cometeu o mesmo erro duas vezes.

No terceiro dia, Di Tullio apertou a mão dele em frente ao Excelsior e disse: “Você vai longe. Porque sabe ouvir.”

Aquela lição se tornou o código da família.

Minha mãe controlava tudo o que se podia ver. A licença, as lojas, os carros, o dinheiro.

Meu pai controlava tudo o que não se podia ver. O exemplo, o silêncio, a resistência, a dignidade de se apresentar impecável mesmo quando você está há dois dias suando sangue.

Levei sessenta anos para entender que um casamento é isso.

Uma pessoa que agarra um funcionário pelas lapelas para conseguir uma licença.

E outra pessoa que troca de camisa num banheiro público para que a empresa não tenha vergonha dele.

O CASAMENTO GILLETTE

Um casamento não é uma promessa. É uma lâmina.

Se você a manuseia com cuidado, ela lhe dá um barbear limpo todas as manhãs durante sessenta e dois anos.

Se você a manuseia sem cuidado, ela lhe corta a garganta.

Meu pai e minha mãe nunca se cortaram um ao outro.

Eles apenas aprenderam, dia após dia, a segurar a lâmina juntos.

Ferdinando Frega
Gillette Man ⚔️